

Padrão laranja numérico: fotografia e identidade da mulher encarcerada¹

Rodrigo Rossoni²
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Resumo

O objetivo é apresentar o processo de produção de sentido da exposição fotográfica com imagens oriundas de uma oficina de fotografia realizada no Complexo Prisional Feminino Lemos de Britto, em Salvador. As práticas de intervenção se ancoraram em processos artesanais da fotografia para discutir os efeitos da penalização da mulher encarcerada e suas relações identitárias. A curadoria toma os fotogramas, as fotografias de pinholes, as fotografias da caixa mágica e autorretratos como referência para construção de um encadeamento narrativo.

Palavra-chave: fotografia; identidade; mulher encarcerada;

Apresentação

A imagem da mulher encarcerada é frequentemente constituída por discursos que reforçam estigmas e estereótipos de gênero. Mas, a compreensão da identidade dessa mulher exige o reconhecimento das intersecções entre gênero, classe, raça e território, uma vez que o perfil majoritário das mulheres encarceradas está associado a condições de vulnerabilidade social, à desigualdade econômica e ao racismo estrutural. A maioria das mulheres presas são negras, pobres e mães, historicamente excluídas do acesso a práticas culturais que potencializem sua subjetividade e expressão criativa (LIMA, 2019).

Na cadeia, sua identidade é tensionada cotidianamente. A uniformização, a numeração, a vigilância permanente, a regimentação de condutas, os horários atípicos para alimentação e os sons produzidos para o despertar na madrugada são dispositivos disciplinares que atuam na tentativa de anular/colonizar as subjetividades e impor uma identidade coletiva e estigmatizada. As mulheres prisioneiras são desprogramadas, infantilizadas, desumanizadas, hipersexualizadas, animalizadas e fragmentadas em toda sua constituição.

¹ Trabalho apresentado no GP20 Fotografia do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-Doutor em Comunicação. Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: rossoni@ufba.br

Foi nesse contexto de “mortificação do eu” (GOFFMAN, 2001) que o Núcleo de Fotografia e Comunidades do Labfoto-Facom/UFBA desenvolveu uma série de práticas educativas – oficinas de fotografia – para mulheres do Complexo Prisional Lemos de Britto, em Salvador.

De setembro de 2024 a março de 2025, as práticas educativas buscaram estimular a produção de estratégias de resistência e ressignificação identitária, elaboradas a partir de suas trajetórias de vida, vínculos afetivos e práticas cotidianas no cárcere. Para isso, a prática pedagógica tomou como materialidade os processos fotográficos artesanais como o laboratório químico, a produção de fotogramas, a criação de retratos com pinholes, a fabricação da caixa mágica e a produção de autorretratos performáticos em estúdio montado no interior do presídio.

Toda essa materialidade visual passou por um processo de curadoria e virou exposição fotográfica que será aberta ao público a partir de 19 de agosto no Museu de Arte Contemporânea da Bahia – MAC, em Salvador.

Processos fotográficos e curadoria

A curadoria foi o resultado da experiência vivida e sentida no cotidiano das oficinas. Os relatos das mulheres e seus depoimentos diretos e indiretos foram base e argumento para construir um encadeamento narrativo. A curadoria foi sendo constituída coletivamente entre as quatro integrantes do Labfoto que conduziram as oficinas: Raquel Franco, Caíque Silva, Samara Said e Mamirawá Noronha juntamente com o professor Rodrigo Rossoni, coordenador pedagógico do Labfoto.

A exposição está estruturada em três grandes seções imagéticas. A primeira apresenta um ambiente simbólico do estágio inicial e atual do esfacelamento da identidade da mulher presa. Em ambiente com pouca luz, as primeiras imagens são fotogramas produzidos por elas mesmas, um mosaico formado por 15 imagens com dimensões de 40x40 cm. As primeiras totalmente subexpostas. As seguintes apresentam traços luminosos iniciais indecifráveis que, aos poucos, vão ganhando figuratividade. A identificação se torna possível nas imagens finais.

Neste mesmo ambiente estão alocadas 12 retratos produzidos com as pinholes. Os rostos não se definem. Em dimensões de 90x60 cm os grãos se evidenciam. Os cortes abruptos e a indefinição das formas provocam estranhamento. Expõem corpos mutilados que traduzem uma identidade “fissurada”, “desprogramada” e “mortificada”.

Na seção seguinte, em um ambiente melhor iluminado e mais amplo, encontram-se dispostas três séries de imagens: a primeira, um “mapa de si” (30x40cm). A segunda, uma série de imagens registradas/projetadas pelas câmeras escuras, nas quais as mulheres as manuseiam, observando seu mundo vivido (40x60cm). A terceira, é uma série de retratos (50x75 cm). O destaque dessa sequência são corpos ainda sem muita definição, mas que já ficam evidentes os sorrisos. O sorriso é um ato de resistência, de transgressão às normas e à imposição do caos: uma identidade em transição, ganhando forma.

A última seção da exposição é formada por 16 autorretratos performáticos em dimensões 1,80 x 90 cm. Em um estúdio montado dentro do presídio, as mulheres fizeram escolhas: de figurinos, maquiagens e poses. Se libertaram dos uniformes laranjas com o número de identificação. Puderam se reencontrar com suas subjetividades. Os sorrisos estampados aliviam a dor, rompem a rígida estrutura que desumaniza e fragiliza. Aqui, as imagens são nítidas, coloridas. Seus corpos são definidos e os seus sorrisos se impõem.

A ação estética da fotografia autoral se tornou um ato de resistência performativa, uma ruptura com a norma punitiva. A mulher presa deixa de ser objeto e fetiche da captura imagética para sujeito de sua própria imagem. Ela não é apenas vista. Ela se vê, se representa e reescreve sua narrativa. Aqui mais uma transgressão: a fotografia deixa de ser documento de vigilância para uma forma de ser e de estar no mundo, mesmo em condições de opressão. “A fotografia não apenas documenta a realidade, mas também constrói narrativas e sentidos sobre quem somos e como nos vemos” (SONTAG, 2004, p. 32).

Ao posar para um retrato que ela mesma dirigiu, a mulher rompe com o lugar passivo de “presa” e passa a ocupar o lugar ativo de autora de sua imagem. Aqui se apresenta uma identidade plena, segura que, acima de tudo, sugere novos modos de existência.

Considerações finais

Quando essas mulheres produziram suas próprias imagens, elas romperam com o ciclo de silenciamento e desumanização. A imagem fotográfica nesse caso se articulou como metáfora. Designou corpos e exprimiu acontecimentos ao transformar o mundo material objetificado em poesia visual e afetos. Como afirma Flusser, a fotografia é um jogo de possibilidades dentro de um aparelho, mas, nesse caso, foram as fotógrafas quem deram intenção e significado aos seus gestos.

Referências

- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7a edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983
- LIMA, Carla Akotirene de. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2020
- ROUILLÉ, André. **A Fotografia: Entre Documento e Arte Contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.
- SONTAG, Susan. **Sobre a Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.